

Luz maior e luz menor: o conceito de inspiração profética em Ellen G. White no contexto da Conferência Bíblica de 1919

Eduardo Rueda Neto¹

Introdução

Ellen Gould White (também chamada Ellen G. White ou simplesmente Ellen White) foi uma figura preeminente no período que sucedeu o movimento adventista do século 19,² sendo reconhecida principalmente por seu papel como cofundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Nascida em 1827, no estado norte-americano do Maine, considera-se que ela recebeu o dom de profecia aos 17 anos e dedicou-se ao ministério de pregação, escrita e exortação por cerca de 70 anos, até sua morte em 1915.³

Afirma-se que, ao longo de sua vida, Ellen White recebeu mais de 2 mil visões e sonhos proféticos, nos quais foram-lhe confiadas instruções divinas para orientar a Igreja em sua missão. Embora ela nunca tenha adotado formalmente o título de profetisa, muitos a reconhecem como tal devido à natureza de suas mensagens. Sua influência na Igreja Adventista do Sétimo Dia foi significativa. Embora nunca tenha ocupado um cargo oficial ou recebido ordenação ministerial, seus conselhos moldaram profundamente o perfil e os princípios da denominação. Sua obra, que perfaz aproximadamente 100 mil páginas, abrangeu uma ampla gama de tópicos, incluindo narrativas e doutrinas bíblicas, vida cristã, educação, família, história, saúde, evangelização, publicações e obra médico-missionária. Ellen White está entre os autores mais traduzidos e lidos em todo o mundo, com publicações em mais de 100 idiomas, e sua obra continua a ser estudada e seguida pelos adventistas do sétimo dia até hoje. Sua influência é amplamente reconhecida como crucial para o desenvolvimento e a expansão dessa denominação ao redor do mundo (FORTIN; MOON, 2018).

¹ Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Editor de livros na Casa Publicadora Brasileira. Email: eduardo.rueda.neto@gmail.com

² Em síntese, o movimento adventista foi um movimento religioso cristão que emergiu nos Estados Unidos na primeira metade do século 19, centrado na expectativa da segunda vinda de Jesus Cristo, conhecida como segundo advento. Para mais detalhes, ver Loughborough (2014) e Schwarz e Greenleaf (2009).

³ Os adventistas entendem que Ellen White passa nos testes bíblicos de autenticidade profética, como, por exemplo, harmonia com a Bíblia (Dt 13:1-3; Is 8:19, 20; Gl 1:8; Jr 14:14), cumprimento das predições (Dt 18:21, 22; Jr 28:9), mensagem cristocêntrica (1Jo 4:2, 3), bons frutos na vida e no ministério (Mt 7:15-23), manifestações físicas em visão (Dn 10; Nm 24; Ap 1; 21), entre outros. Para mais detalhes, ver Associação Ministerial (2018, p. 278-295) e Rice (2011).

Este artigo tem como propósito abordar brevemente o conceito de inspiração profética em Ellen G. White no contexto da Conferência Bíblica de 1919. Esse foi um concílio realizado em Takoma Park, Maryland, Estados Unidos, por líderes da Igreja Adventista do Sétimo Dia que foi determinante para aprimorar a compreensão da denominação não apenas a respeito da manifestação do dom de profecia em Ellen White, mas também para compreender como a inspiração divina atuou nos escritores bíblicos. Para um estudo completo a respeito da importância desse evento, recomenda-se a tese de Michael Campbell (2008), à qual este texto recorre com frequência. Recomenda-se também a leitura do livro do mesmo autor (2019), lançado por ocasião do centenário da Conferência. Além desse importante estudo, a maior parte deste artigo se baseia em fontes primárias, tanto no registro do evento quanto nos escritos da própria personalidade em questão.

As perguntas a serem respondidas com esta sucinta recapitulação da história são: Afinal, qual é o papel que os escritos de Ellen White realmente desempenham? Qual é o nível de autoridade em que eles estão? Qual é o tipo e o grau de inspiração⁴ dos Testemunhos?⁵ Todas essas questões, como já mencionado, serão avaliadas no contexto da Conferência Bíblica de 1919.

Contexto histórico

Inspirada nas grandes conferências proféticas realizadas pelos fundamentalistas protestantes no começo do século 20 — cujo tema predominante era o iminente retorno de Cristo —, em um mundo ainda abalado pela primeira Guerra Mundial, a Conferência de 1919 tinha o intuito de fortalecer a unidade entre os principais pensadores da Igreja Adventista do Sétimo Dia em certos temas de caráter teológico e pedagógico (CAMPBELL, 2008, p. 81).⁶

⁴ Na Teologia, o termo “inspiração” faz referência à etapa do processo de comunicação divina em que Deus capacita um profeta a comunicar, de forma oral ou escrita, a Sua mensagem. Entre os especialistas, há aqueles que entendem que a inspiração atua em cada palavra do profeta (inspiração verbal) e aqueles que creem que ela atua no pensamento, deixando o profeta livre para expressar a mensagem divina com as próprias palavras. Para mais detalhes sobre o conceito de inspiração, ver Bemmelen (2011) e Canale (2018).

⁵ Expressão usada entre os pioneiros adventistas para se referir aos escritos de Ellen G. White.

⁶ No início do século 20, o protestantismo americano estava dividido entre conservadores (fundamentalistas) e liberais (modernistas). As igrejas liberais aceitaram a evolução darwiniana e reinterpretaram a religião e a Bíblia à luz da ciência e da razão, descartando crenças como o nascimento virginal e a ressurreição de Jesus. Em contraste, os chamados fundamentalistas reafirmaram a inerrância da Bíblia e as doutrinas tradicionais, enfocando a criação divina em lugar da evolução. Os adventistas,

O encontro reuniu editores, professores de Bíblia e História das instituições de ensino e dos seminários adventistas e líderes da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Ao todo, o concílio teve a participação de 65 pessoas (CAMPBELL, 2008, p. 85).

As reuniões aconteceram entre os meses de julho e agosto e contaram com a presença do então presidente da Associação Geral, o pastor Arthur G. Daniells. Durante a assembleia, foi dada ênfase à necessidade de um estudo mais profundo da Bíblia e uma atenção especial aos temas que consideravam ser os “fundamentos” da fé adventista (CAMPBELL, 2008, p. 81).

Entre os tópicos em pauta, constavam: a pessoa e obra mediadora de Cristo; a natureza e obra do Espírito Santo; as duas alianças; os princípios de interpretação profética; a chamada “questão oriental”;⁷ o poder bestial de Apocalipse; os 1.260 dias da profecia apocalíptica; os Estados Unidos na profecia; as sete trombetas; o sermão profético de Mateus 24; a identificação dos 10 reinos de Daniel 7, além de outros temas de natureza pedagógica (REPORT, 1º ago. 1919; CAMPBELL, 2008, p. 84).

Todos esses assuntos foram tratados como estando relacionados à hermenêutica. A preocupação era estabelecer princípios seguros de interpretação.

Ellen G. White em pauta

Inicialmente, a intenção do concílio não era discutir a inspiração profética de Ellen White. O assunto não estava na pauta. Contudo, o tema surgiu quando, no décimo dia da reunião, o debate tratava de interpretação profética. Os participantes encontraram algumas dificuldades de caráter histórico nos escritos de Ellen White (CAMPBELL, 2008, p. 144, 167).

A partir daí, Arthur Daniells percebeu a necessidade de abordar o assunto de maneira mais abrangente. W. E. Howell, líder do departamento de Educação da Associação Geral e que atuou como secretário da assembleia e presidente das reuniões de professores de História e Bíblia, convidou Daniells para explanar esse tema,

apesar de compartilharem muitas convicções com os fundamentalistas, mantinham suas próprias visões sobre a inspiração bíblica e o sábado. A Conferência Bíblica Adventista de 1919, influenciada em certo grau pelo movimento fundamentalista, inspirou-se nas frequentes conferências bíblicas realizadas por aqueles grupos evangélicos. Ver Campbell (2008; 2019).

⁷ A “questão oriental” dizia respeito à interpretação do “rei do Norte”, em Daniel 11. Muitos haviam pregado de modo veemente que esse “rei” era a Turquia; outros, porém, acreditavam ser isso uma referência às atividades do papado no tempo do fim (SCHWARZ *apud* DOUGLASS, p. 440).

no dia 30 de julho. Sua fala tinha como título “O uso do Espírito de Profecia⁸ em nosso ensino de Bíblia e História” (REPORT, 30 jul. 1919, p. 1187).

A temática desse discurso foi basicamente a autoridade dos escritos de Ellen White. Durante o debate, algumas questões importantes surgiram.

Intérprete infalível?

A primeira questão, levantada por Clifton L. Taylor, líder do Departamento Bíblico do Canadian Junior College, tinha que ver com o uso exegético dos escritos de Ellen White (REPORT, 30 jul. 1919, p. 1194). Devemos recorrer a ela como intérprete do texto bíblico? Seus comentários sobre determinado texto das Sagradas Escrituras devem ser considerados autoritativos, infalíveis e a única explicação correta para eles?

Com o endosso de J. N. Anderson, professor de Bíblia no Washington Foreign Mission Seminary, Christian M. Sorenson, professor de História no Emmanuel Missionary College, e W. W. Prescott, ex-editor da *Review and Herald*⁹ e então secretário de campo da Associação Geral, Arthur Daniells respondeu que assumir uma posição de inerrância em relação a Ellen White pode ser perigoso. Ele deixou claro que “não é a nossa posição, nem é correto [afirmar] que o Espírito de Profecia seja o único intérprete seguro da Bíblia”. Afinal, como salientou W. E. Howell, a própria irmã White declarou que a Bíblia é o seu próprio intérprete¹⁰ (REPORT, 30 jul. 1919, p. 1195).

Daniells foi taxativo também ao lembrar que as crenças fundamentais adventistas não foram formadas com base em Ellen G. White. De acordo com ele, a elaboração de tais crenças se deu por meio de intenso estudo das Escrituras, sendo *posteriormente confirmadas* pelo Espírito de Profecia. Assim, o estudante deve recorrer primeiramente à Bíblia e então, somente então, o Espírito de Profecia, bem como qualquer outro material que o ajude na compreensão do texto, deve ser utilizado para “ampliar a visão” (REPORT, 30 jul. 1919, p. 1197).

⁸ Na linguagem denominacional dos adventistas, a expressão “Espírito de Profecia”, uma alusão a Apocalipse 12:17 e 19:10, designa não somente o dom de profecia em si, mas também o resultado desse dom — no caso, a mensagem escrita. Em se tratando do dom de profecia manifestado em Ellen White, portanto, a referência mais frequente é aos seus escritos.

⁹ Órgão principal da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Atualmente, a revista leva o nome de *Adventist Review*.

¹⁰ “A Bíblia interpreta a si mesma. Um texto deve ser comparado com outro. O estudante deve aprender a encarar a Palavra como um todo, e ver a relação de suas partes” (White, *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, p. 462).

Autoridade histórica

Outra questão importante foi levantada por W. W. Prescott, nas seguintes palavras: “Como devemos utilizar os escritos do Espírito de Profecia como uma autoridade para resolver questões históricas?” (REPORT, 30 jul. 1919, p. 1202).

A resposta inicial de Daniells foi:

A irmã White jamais afirmou ser uma autoridade em História, e jamais reivindicou ser mestra absoluta de Teologia. [...] Ela apenas fez declarações fragmentárias, deixando aos pastores, evangelistas e pregadores o encargo de resolverem todos esses problemas bíblicos, teológicos e históricos (REPORT, 30 jul. 1919, p. 1202).

Daniells reiterou que Ellen White nunca “se propôs a definir questões históricas”, uma vez que os próprios historiadores não concordam plenamente entre si. “Nunca entendi que ela atribuísse infalibilidade às citações históricas” (REPORT, 30 jul. 1919, p. 1212). Uma decorrência implícita de tais afirmações era que, ao se encontrar, eventualmente, certas imprecisões históricas nos escritos de Ellen White, isso não descredibilizaria a autora, uma vez que o foco de sua mensagem não estava no rigor técnico dos dados apresentados.

Discutidas essas questões, o ponto mais conflitante da assembleia ainda estava por vir.

Inspiração verbal

Um dos pontos principais no debate referente ao conceito de inspiração profética em Ellen White é se ela foi verbalmente inspirada ou não, isto é, se seus escritos foram inspirados palavra por palavra ou sob outra forma de capacitação divina. Essa questão é análoga à que permeia o debate quanto à inspiração dos profetas canônicos, ou seja, daqueles cujos escritos compõem as Sagradas Escrituras judaico-cristãs.

Este artigo não tem como objetivo tratar da inspiração da Bíblia, se esta foi verbal ou não, e sim da inspiração dos chamados Testemunhos, na compreensão adventista. No entanto, saber como os componentes da conferência de 1919 encaravam a inspiração da Bíblia pode ser útil para entender também como eles consideravam os escritos de Ellen White.

Houve duas linhas de interpretação representadas em 1919. Essas duas escolas hermenêuticas concordavam nos pontos essenciais, principalmente no que se refere à autoridade da Bíblia e à necessidade de um estudo profundo das Escrituras. Apesar disso, as divergências entre os que vieram a ser classificados como “progressistas” e os “tradicionalistas” ficaram claras à medida que o debate se aqueceu (CAMPBELL, 2008, p. 170).

Tanto progressistas quanto tradicionalistas afirmavam que a Escritura é “verbalmente inspirada”. Os progressistas, no entanto, embora cresseem na infalibilidade do texto bíblico, não o consideravam inerrante em cada detalhe cronológico, numérico, histórico ou linguístico. Enquanto isso, os tradicionalistas, mais dogmáticos, diziam que essa flexibilidade, assumida pelos progressistas, poderia gerar problemas. Dessa forma, adotaram um pressuposto mais rígido: a Escritura é inerrante em cada detalhe.

Em relação a Ellen White, também havia duas abordagens. O grupo dos chamados progressistas era composto por homens que haviam conhecido pessoalmente Ellen White e testemunhado o processo de composição de seus escritos, chegando a participar dele muitas vezes. É possível que Daniells e Prescott fizessem parte dessa ala. Os progressistas aceitavam que os escritos de Ellen White, embora inspirados, não são infalíveis em cada detalhe. Mesmo alguns dentre eles que criam na inspiração verbal entendiam que essa inspiração não implicava, necessariamente, inerrância (CAMPBELL, 2008, p. 168). Parece também que os progressistas faziam distinção entre a Bíblia e os escritos de Ellen White no que se refere à *natureza* da inspiração.

Os tradicionalistas, por sua vez, eram um grupo mais jovem, que não havia trabalhado pessoalmente com Ellen White. Em linhas gerais, consideravam seus escritos verbalmente inspirados e estando no mesmo nível das Sagradas Escrituras (CAMPBELL, 2008, p. 168).

Arthur Daniells vinha sofrendo nos últimos anos acusações de ser “cético nos Testemunhos”, pelo fato de não crer que fossem verbalmente inspirados. Segundo W. E. Howell, o ponto de vista da inspiração verbal parecia ser o que mais predominava entre os membros e muitos pastores da denominação na época (DOUGLASS, 2000, p. 436).

Dificuldades decorrentes do modelo de inspiração verbal

Daniells argumentava que algumas das dificuldades que a Igreja enfrentava por parte dos críticos e dissidentes eram geradas pela crença na inspiração verbal e na

infallibilidade de Ellen White. Segundo ele, White nunca reclamou inspiração verbal. Acusações de plágio, por exemplo, poderiam ter sido evitadas se, desde o princípio, “tivéssemos compreendido isso da maneira como deveria ter sido” (CAMPBELL, 2008, p. 164).

Muitos dos que criam na inspiração verbal haviam ficado perplexos e desnorteados após a revisão do livro *The Great Controversy (O Grande Conflito)*, em 1911, supervisionada pela própria Ellen White, na qual várias alterações de caráter técnico foram realizadas. Se *O Grande Conflito* havia sido inspirado palavra por palavra, e a inspiração é infalível nos pormenores humanos, porque necessitaria de ajustes?

Arthur Daniells defendia a ideia de que o profeta é um instrumento divino, mas sua parte humana não deve ser ignorada. Ele lembrou que Ellen White repetia com frequência: “Temos este tesouro em vasos de barro”,¹¹ reconhecendo que era uma frágil mulher, limitada, tentando fazer da melhor maneira possível a obra que lhe havia sido confiada. Daniells afirmou que, a partir do momento em que reconhecemos que Ellen White não era infalível e que seus escritos não eram verbalmente inspirados, damos uma oportunidade para a manifestação do humano. Segundo ele, não deveríamos nos surpreender ao encontrar nos escritos inspirados erros que não afetam a essência da mensagem, uma vez que a inspiração divina não inibe o elemento humano (REPORT, 1º ago. 1919, p. 1243).

De acordo com G. B. Thompson, secretário de campo da Associação Geral, as controvérsias geradas na Igreja podiam ser atribuídas a

uma educação errada que nosso povo recebeu. Se sempre tivéssemos ensinado a verdade sobre esta questão, não teríamos nenhum problema ou choque na denominação agora. Mas o choque ocorre por que não ensinamos a verdade, e colocamos os Testemunhos num plano em que ela [Ellen White] declara que eles não estão. *Reclamamos mais para eles do que ela o fez*” (REPORT, 1º ago. 1919, p. 1238, grifo nosso).

Para Thompson, “a evidência e a inspiração dos Testemunhos não estão em sua inspiração verbal, senão em sua influência e seu poder na denominação” (REPORT, 1º ago. 1919, p. 1238).

¹¹ Alusão a 2 Coríntios 4:7. Ver, por exemplo, White, *Atos dos Apóstolos*, p. 330.

Os debates sobre a autoridade e o uso dos escritos de Ellen White, bem como sua relação com a Bíblia, ocuparam dois dias da conferência. Apesar de não ter estado na pauta a princípio, este tornou-se, no fim das contas, o tema principal da reunião, de modo que o esclarecimento obtido por meio daquelas discussões ajudou a moldar, posteriormente, a compreensão dos adventistas do sétimo dia quanto ao dom profético pós-canônico e a dinâmica da inspiração.¹²

Conclusão

O que uma série de reuniões realizada há mais de 100 anos tem que ver com a Igreja hoje? Que relevância têm, sobretudo para os adventistas do sétimo dia, os assuntos abordados naquela assembleia?

Embora a doutrina referente ao dom de profecia esteja muito bem delineada e fundamentada biblicamente nas publicações oficiais da Igreja Adventista do Sétimo Dia,¹³ por vezes, por não ter uma visão clara quanto à natureza da inspiração de Ellen White, os membros da denominação de modo geral enfrentam preconceito e críticas. Muitas vezes, são vistos como tendo uma segunda Bíblia nos escritos de White, o que não corresponde à realidade.

De fato, em alguns momentos da história da denominação, pessoas atribuíram a Ellen G. White uma autoridade exacerbada que ela mesma nunca reivindicou, a ponto de igualar seu nível ao da Bíblia e considerá-la a “intérprete infalível das Escrituras”, função que ela jamais reclamou. Esse ponto de vista não reflete a posição da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A própria Ellen White (2007c, p. 37) afirmou: “Com relação à infalibilidade, nunca a pretendi; unicamente Deus é infalível.”¹⁴

A partir de uma metáfora utilizada pela própria autora, a Igreja Adventista do Sétimo Dia compreende os escritos de Ellen G. White como uma “luz menor” que tem o objetivo de conduzir à “luz maior”, a Bíblia Sagrada, auxiliando em sua compreensão e aplicação.¹⁵ Obviamente, entende-se que o ministério profético de White foi revestido de

¹² Para os desdobramentos mais amplos da Conferência Bíblica de 1919 na Igreja Adventista do Sétimo Dia, ver os estudos de Campbell (2008; 2019).

¹³ Ver Associação Ministerial (2018, p. 278-295) e Rice (2011).

¹⁴ No mesmo livro, na página 20, Ellen White afirma que “tudo quanto é humano é imperfeito”. Na página 416, ela diz que “o homem é falível, mas a Palavra de Deus é infalível”. E, em *Testemunhos para Ministros*, p. 376, White declara que “nenhum homem é infalível”.

¹⁵ “Pouca atenção é dada à Bíblia, e o Senhor deu uma luz menor para guiar homens e mulheres à luz maior” (White, *O Colportor Evangelista*, p. 125).

autoridade divina para exortar e conduzir a Igreja nos momentos finais da História. Contudo, citá-la como palavra final, em vez de recorrer às Escrituras com essa finalidade, constitui um erro hermenêutico além de um desserviço para a causa adventista, que traz descrédito à denominação.

Muito longe de diminuir a importância das obras de Ellen White, a correta compreensão a respeito da dinâmica da inspiração e do verdadeiro lugar de seus escritos ajuda a colocar sua mensagem dentro da moldura adequada. Em outras palavras, atribuir-lhes a função que realmente possuem enaltece, em vez de diminuir, seu valor.

Por fim, pode-se dizer também que uma das principais contribuições da Conferência Bíblica de 1919 foi evidenciar a coerência do modelo de inspiração do pensamento, em comparação com a inspiração verbal, como o que melhor explica o processo de inspiração da Bíblia e do dom profético pós-canônico.

Apêndices

Apêndice 1 — Linhas de pensamento quanto à inspiração

A seguinte citação de Herbert Douglass sintetiza bem as diferentes linhas de pensamento no que se refere ao conceito de inspiração:

As questões que vieram à tona no Congresso/Concílio de 1919 perduram ainda hoje, refletidas em pelo menos três ou quatro categorias que dividem os cristãos de modo geral e os adventistas de modo específico: (a) os que creem que os escritores bíblicos e Ellen White foram inspirados, mas não receberam a verdade de forma concreta; (b) os que sustentam que os escritores bíblicos e Ellen White receberam a verdade por inspiração verbal e que suas mensagens foram dadas conforme Deus queria que os escritos fossem lidos ou ouvidos; (c) os que creem que a Bíblia e os escritos de Ellen White são divinamente inspirados por Deus ao incutir pensamentos na mente dos profetas e estes comunicaram a mensagem na melhor linguagem e estrutura de pensamento disponível; (d) os que creem que a Bíblia e os escritos de Ellen White são geralmente inspirados, mas seu valor é mais pastoral do que teológico (DOUGLASS, 2000, p. 441).

A posição adotada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia segue a linha de pensamento do item (c).

Apêndice 2 — Material suplementar extraído de Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, volume 3, seção 2, “Princípios de Inspiração”.¹⁶

Testemunho expresso em suas próprias palavras — Se bem que eu dependa tanto do Espírito do Senhor ao escrever minhas visões como quando as recebo, *as palavras que emprego na descrição do que vi são minhas próprias*, a não ser que sejam as que foram proferidas por um anjo, as quais ponho sempre entre aspas. *Review and Herald*, 8 de outubro de 1867.

A relação entre os escritos de Ellen White e a Bíblia — Recomendo-vos, caro leitor, a Palavra de Deus como regra de vossa fé e prática. Por essa Palavra seremos julgados. Nela Deus prometeu dar visões nos “últimos dias”; não para uma nova regra de fé, mas para conforto do Seu povo e para corrigir os que se desviam da verdade bíblica. Assim tratou Deus com Pedro, quando estava para enviá-lo a pregar aos gentios. *Primeiros Escritos*, p. 78.

Não para tomar o lugar da Palavra — O Senhor deseja que estudeis a Bíblia. *Ele não deu alguma luz adicional para tomar o lugar de Sua Palavra*. Esta luz deve conduzir as mentes confusas a Sua Palavra, a qual, se for comida e assimilada, é como o sangue que dá vida à alma. Então serão vistas boas obras como luz brilhando nas trevas. Carta 130, 1901.

Obter provas da Bíblia — No trabalho público *não torneis proeminente nem citeis o que a irmã White tem escrito, como autoridade para apoiar vossas posições*. Fazer isto não aumentará a fé nos Testemunhos. Apresentai vossas provas, claras e simples, da Palavra de Deus. Um “Assim diz o Senhor” é o mais forte testemunho que podeis apresentar ao povo. *Que ninguém seja instruído a olhar para a irmã White, e, sim, ao poderoso Deus, que dá instruções à irmã White*. Carta 11, 1894.

Primeiro os princípios bíblicos, depois os Testemunhos — *Meu primeiro dever é apresentar os princípios bíblicos*. Então, a menos que tenha sido efetuada decidida e conscienciosa reforma por aqueles cujos casos me foram apresentados, preciso apelar pessoalmente para eles. Carta 69, 1896.

A obra de Ellen White não é diferente da obra dos profetas bíblicos — Nos tempos antigos, Deus falou aos homens pela boca de Seus profetas e apóstolos. Nestes dias, Ele lhes fala por meio dos Testemunhos do Seu Espírito. Não houve ainda um tempo

¹⁶ Os trechos destacados em itálico (grifo nosso) são os que melhor refletem a compreensão de Ellen White sobre a relação de seus escritos com a Bíblia.

em que mais seriamente falasse ao Seu povo a respeito de Sua vontade e da conduta que este deve ter. *Evangelismo*, p. 255, 256.

A Bíblia e o Espírito de Profecia têm o mesmo autor — *O Espírito Santo é o autor das Escrituras e do Espírito de Profecia*. Estes não devem ser torcidos e levados a indicar o que o homem quer que indiquem, para cumprir as ideias e os sentimentos do homem, para levar avante os seus desígnios sob todos os riscos. Carta 92, 1900.

A luz menor — Pouca atenção é dada à Bíblia, e o Senhor deu uma luz menor para guiar homens e mulheres à luz maior. *Review and Herald*, 20 de janeiro de 1903. (Citado em *O Colportor Evangelista*, p. 125.)

Provado pela Bíblia — O Espírito não foi dado — nem nunca o poderia ser — a fim de sobrepor-Se à Escritura; pois esta explicitamente declara ser ela mesma a norma pela qual todo ensino e experiência devem ser aferidos. [...] Isaías declara: “À Lei e ao Testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, nunca verão a alva” (Is 8:20). *O Grande Conflito*, p. 7.

Não para proporcionar nova luz — O irmão J. procura confundir os espíritos, esforçando-se por fazer parecer que a luz que Deus nos concedeu por meio dos Testemunhos constitui um acréscimo à Palavra de Deus, mas com isto apresenta os fatos sob uma luz falsa. Deus escolheu chamar por este meio a atenção de Seu povo para a Sua Palavra, a fim de conceder-lhes uma compreensão mais perfeita da mesma.

A Palavra de Deus é suficiente para iluminar o espírito mais obscurecido, e pode ser compreendida por todo o que sinceramente deseja entendê-la. Mas, não obstante isto, alguns que dizem fazer da Palavra de Deus o objeto de seus estudos são encontrados vivendo em oposição direta a alguns de seus mais claros ensinamentos. Daí, para que tanto homens como mulheres fiquem sem escusa, Deus dá testemunhos claros e decisivos, a fim de reconduzi-los à Sua Palavra, que negligenciaram seguir.

A Palavra de Deus está repleta de princípios gerais para a formação de hábitos corretos de vida, e os testemunhos, tanto gerais como individuais, visam chamar sua atenção particularmente para esses princípios. *Testemunhos Seletos*, v. 2, p. 279.

Testemunhos para trazer lições simples da Palavra — Nas Escrituras Deus expôs lições práticas para governar a vida e a conduta de todos; mas, conquanto Ele tenha dado minuciosas instruções a respeito de nosso caráter, conversação e conduta, em grande parte Suas lições são negligenciadas e desprezadas. Além das instruções em Sua Palavra, *o Senhor tem concedido testemunhos especiais a Seu povo, não como uma nova revelação, mas para que possa apresentar-nos as claras lições de Sua Palavra, a fim*

de que sejam corrigidos os erros e indicado o caminho certo, para que toda alma fique sem escusa. Carta 63, 1893. (Ver *Testemunhos Para a Igreja*, v. 5, p. 665.)

Ellen White foi habilitada para definir claramente a verdade e o erro — Naquele tempo [depois do desapontamento de 1844], erro após erro procurava forçar entrada entre nós; pastores e doutores introduziam novas doutrinas. *Nós estudávamos as Escrituras com muita oração, e o Espírito Santo nos trazia ao espírito a verdade. Por vezes, noites inteiras eram consagradas à pesquisa das Escrituras, a pedir fervorosamente a Deus Sua guia. Juntavam-se grupos de homens e mulheres pios, para esse fim. O poder de Deus vinha sobre mim, e eu era habilitada a definir claramente o que era a verdade e o que era erro.*

Ao serem assim estabelecidos os pontos de nossa fé, nossos pés se colocavam sobre um firme fundamento. Aceitávamos a verdade ponto por ponto, sob a demonstração do Espírito Santo. Eu era arrebatada em visão, e eram-me feitas explanações. Foram-me dadas ilustrações de coisas celestiais, e do santuário, de modo que fomos colocados em posição onde a luz resplandecia sobre nós em raios claros e distintos. *Obreiros Evangélicos*, p. 302.

Para corrigir o erro e especificar a verdade — Escrevi muita coisa no diário que tenho mantido em todas as minhas viagens, e deve ser apresentado ao povo se for essencial, mesmo que eu não escreva mais nenhuma linha. Desejo que apareça o que for considerado conveniente, pois o Senhor me deu muita luz que desejo que as pessoas tenham; porque há instruções que o Senhor me tem dado para Seu povo. É luz que eles devem ter, regra sobre regra, preceito sobre preceito, um pouco aqui, um pouco ali. Isto deve agora ser apresentado ao povo, porque foi dado para corrigir erros e para especificar o que é verdade. O Senhor revelou muitas coisas que indicam a verdade, dizendo portanto: “Este é o caminho, andai por ele.” Carta 117, 1910.

Os Testemunhos nunca contradizem a Bíblia — A Bíblia deve ser o vosso conselheiro. Estudai-a e os Testemunhos que Deus tem dado; pois *eles nunca contradizem Sua Palavra*. Carta 106, 1907.

Se os Testemunhos não falarem de acordo com a Palavra de Deus, rejeitai-os. Cristo e Belial não se unem. *Testemunhos Para a Igreja*, v. 5, p. 691.

A respeito de citar a irmã White — Como pode o Senhor abençoar os que manifestam o espírito de “não me importa”, que os leva a andar em sentido oposto à luz que o Senhor lhes deu? Não solicito, porém, que acateis minhas palavras. Ponde a irmã White de lado. Não citeis outra vez as minhas palavras enquanto viverdes, até que possais

obedecer à Bíblia. Quando fizerdes da Bíblia vosso alimento, vossa comida e vossa bebida, quando fizerdes de seus princípios os elementos de vosso caráter, conhecereis melhor como receber conselho de Deus. Enalteço a preciosa Palavra diante de vós neste dia. Não repitais o que eu declarei, afirmando: “A irmã White disse isto” e “a irmã White disse aquilo”. Descobri o que o Senhor Deus de Israel diz, e fizeti então o que Ele ordena. Manuscrito 43, 1901. (De um discurso aos dirigentes de igreja na noite que antecedeu a abertura da Assembleia da Associação Geral de 1901.)

O Espírito Santo dá palavras apropriadas — A bondade do Senhor para comigo é muito grande. Louvo o Seu nome porque minha compreensão dos assuntos bíblicos é clara. *O Espírito de Deus atua em minha mente* e me dá palavras apropriadas para expressar a verdade. Também sou grandemente fortalecida quando estou em pé diante de grandes congregações. Carta 90, 1907.

A ajuda do Espírito na escolha de palavras apropriadas — Estou procurando captar as próprias palavras e expressões que foram feitas no tocante a este assunto, e, quando minha pena hesita por um momento, me vêm à mente as palavras apropriadas. Carta 123, 1904.

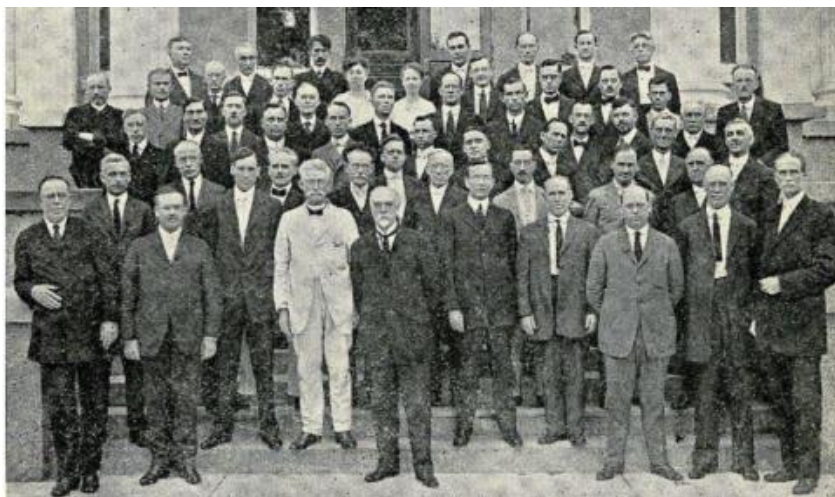
Ao escrever estes preciosos livros, se eu hesitava, me era dada a própria palavra de que necessitava para expressar a ideia. Carta 265, 1907.

Escolhendo cuidadosamente as palavras¹⁷ — Estou muitíssimo ansiosa de usar palavras que não deem ensejo para que alguém mantenha sentimentos errôneos. Preciso usar palavras que não sejam tomadas em mau sentido, atribuindo-se-lhes um significado oposto àquilo que tencionavam indicar. Manuscrito 126, 1905.

¹⁷ Essa aparente contradição com as [duas] declarações anteriores pode ser resolvida facilmente pela seguinte proposição: Ainda que Deus não inspire as palavras, nada impede que eventualmente Ele ajude na escolha delas. Ellen White estava em um encontro com os dirigentes da Igreja, como um grupo, pela primeira vez em dez anos. Situações tanto na Associação Geral como em nossas instituições sediadas em Battle Creek haviam, em muitos casos, atingido um baixo nível. Testemunhos recomendando um retorno aos princípios bíblicos tinham sido aceitos teoricamente, mas não houvera autêntica melhora.

A maioria dos delegados à Assembleia da Associação Geral que começaria na manhã do dia seguinte percebia que precisava haver modificações. Na reunião de abertura, Ellen White repreenderia dirigentes institucionais e solicitaria a reorganização da Associação Geral. Sua preocupação era que as modificações que precisavam ser efetuadas se baseassem em princípios bíblicos, e não somente nas palavras de Ellen White. Nessa alocução ela declarou: “Deus me disse que meu testemunho deve ser dado a esta Assembleia e que não devo procurar fazer com que os homens criam nele. Minha obra é deixar a verdade com as pessoas, e os que apreciam a luz do Céu aceitarão a verdade.” Manuscrito 43, 1901.

Conselhos seriam transmitidos por ela como mensageira do Senhor, e esses conselhos deviam se atendidos, mas precisava ser realizada uma profunda obra baseada nos princípios enunciados na Palavra de Deus. — *Os Compiladores*

Apêndice 3

Delegados presentes na Conferência de 1919

Fonte: Revista *Christian Educator*, v. 11, out. 1919, p. 29.

Referências

ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia. **Nisto Cremos: As 28 Crenças Fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

BEMMELEN, P. M. Revelação e inspiração. *In*: DEDEREN, R. (ed.). **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p. 26- 66.

CAMPBELL, Michael W. 1919: **The Story of Adventism's Struggle with Fundamentalism**. Pacific Press, 2019.

CAMPBELL, Michael W. **The 1919 Bible Conference and its Significance for Seventh-day Adventist History and Theology**. Tese (Doutorado), Andrews University. Berrien Springs, 2008.

CANALE, Fernando L. Revelação e inspiração. *In*: REID, G. W. (ed.). **Compreendendo as Escrituras: Uma Abordagem Adventista**. 2. ed. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2018. p. 81-114.

CHRISTIAN Educator: A Magazine for Home and School, v. 11, out. 1919. Disponível em: documents.adventistarchives.org/Periodicals/CE/CE19191001-V11-02.pdf. Acesso em: 5 jun. 2024.

DOUGLASS, Herbert E. **A Mensageira do Senhor**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

FORTIN, Denis; MOON, Jerry (eds.). **Enciclopédia Elen G. White**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

LOUGHBOROUGH, John N. **O Grande Movimento Adventista**. Série Legado dos Pioneiros Adventistas. Engenheiro Coelho, SP: Editora dos Pioneiros, 2014.

REPORT of the 1919 Bible Conference. Disponível em: <https://documents.adventistarchives.org/Resources/Forms/AllItems.aspx?Root>. Acesso em: 5 jun. 2024.

RICE, George E. Dons espirituais. *In*: DEDEREN, Raoul (ed.). **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p. 676-720.

SCHWARZ, Richard W.; GREENLEAF, Floyd. **Portadores de Luz: História da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2009.

WHITE, Ellen G. **Atos dos Apóstolos**. Silver Spring, MD: Ellen G. White Estate, 2007a.

WHITE, Ellen G. **Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes**. Silver Spring, MD: Ellen G. White Estate, 2007b.

WHITE, Ellen G. **Mensagens Escolhidas**, v. 1. Silver Spring, MD: Ellen G. White Estate, 2007c.

WHITE, Ellen G. **Mensagens Escolhidas**, v. 3. Silver Spring, MD: Ellen G. White Estate, 2007d.

WHITE, Ellen G. **O Colportor Evangelista**. Silver Spring, MD: Ellen G. White Estate, 2007e.

WHITE, Ellen G. **Testemunhos para Ministros**. Silver Spring, MD: Ellen G. White Estate, 2007.